

# O pensamento de Paul Tillich: epilepsia e arte

Lucy Campos Piccinin

## RESUMO

Para Tillich, a obra de arte manifestava a profundidade do sentido e do ser. Do mesmo modo, os pacientes epilépticos procuram na arte a recomposição do sentido da existência, minado pelo preconceito, e a superação do sofrimento. A luz e a sombra que eles projetam na tela os ajudam a reconfigurar o mundo desintegrado no qual vivem.

Palavras-chave: epilepsia, arte, Tillich, Van Gogh, Dostoiévski

## ABSTRACT

According to Tillich, art works manifest the depth of meaning and being. Similarly, epileptic patients seek in art a compensation of existence meaning, always threatened by prejudiced, separation and suffering. Light and shade they project in the screen help them to remakng the disintegrated world in which they live.

Key-words: epilepsy, art, Tillich, Van Gogh, Dostoiévski

Embora Tillich não tenha sido o que se considera normalmente um artista, sempre demonstrou interesse pela arte. Tillich acreditava que a expressão da condição humana constituía a essência da arte. Para ele, a expressão do sentido humano na arte era o que mais se aproximava da compreensão religiosa ou que mais se punha a serviço da religião. Na arte, manifesta-se também o poder revelatório do ser, a misteriosa profundidade do ser. Por esse motivo, a razão técnica é insuficiente na avaliação das obras de arte: precisamos juntar, nessa tarefa, os cinco sentidos e a coragem de ser.

As ênfases do pensamento estético de Tillich são fundamentadas na filosofia grega, especialmente no pensamento de Platão. Para ele, quando se contempla uma obra de arte, faz-se necessário procurar o que esta por detrás dela, ou seja, sua profundidade que é a substância.

É a vida própria da obra que se manifesta. Não importa que seres vivos ou uma natureza morta sejam representados, para que a obra tenha uma substância religiosa. Tillich remete, por exemplo, às árvores de Van Gogh.

Queremos partir, neste breve ensaio, de um quadro de Rafael: “A Transfiguração de Cristo”. Este quadro, que lembra e representa o sofrimento, a morte e a ressurreição, inclui a figura de um menino tendo uma crise epiléptica e o pai dele, aflito com o episódio ocorrido. Para representar o acontecimento relatado nos Evangelhos, Rafael usa uma associação de luz e sombra. Considerando que a epilepsia desde a antiguidade até os dias atuais está associada à escuridão, podemos concluir que o artista tentou retratar, ao mesmo tempo, a escuridão do preconceito social em relação com a epilepsia e a luz presente no inconsciente dos próprios epilépticos, à medida que procuram sair das sombras. É a opinião da médica neurologista Yacubian: “Apesar do isolamento social e da discriminação que tão freqüentemente acompanha esta condição, o mundo dessas pessoas com epilepsia fora envolto por uma luz mais clara, mais brilhante e mais intensa do que a dos indivíduos que as isolaram e discriminaram”.

Yacubian ressalta a dificuldade de conviver com ataques convulsivos inesperados. Além disso, o paciente tenta habitualmente esconder a doença, que sempre foi envolvida em uma aura de mistério e superstições. O preconceito era uma conseqüência da ignorância sobre a causa dos ataques e alimentava o medo do contágio. A ABE, Associação Brasileira de Epilepsia, por intermédio da sua equipe multidisciplinar, manifesta a sua preocupação e tenta organizar-se para lutar contra o preconceito, e providenciar a saída das sombras e o apoio aos familiares, possibilitando ao paciente auxílio no tratamento e o controle de suas crises. A situação atual é mais favorável, pois existem mais recursos para o tratamento e para o controle das crises, graças a novos medicamentos e até cirurgias.

### **A “tristeza” da vida na arte de Vincent Van Gogh**

Para ilustrar a opinião de Tillich, para o qual “As obras de arte expressam alguma coisa do fundamento do ser”, vamos tomar o exemplo de Van Gogh. Sofrendo de uma epilepsia psicomotora, considerava a arte como a “finalidade de sua existência”, como “única maneira de estar

na vida sem pensar no passado”. Em 1880, tinha decidido dedicar-se inteiramente à arte e passou seis anos aprendendo, pintando e vivendo. Recebeu forte influência do impressionismo e do naturalismo. Pintou cerca de cem quadros, entre os quais a famosa série “Os Girassóis”, e inúmeros retratos de pessoas vizinhas, de membros da família, do carteiro da cidade, com os quais estabeleceu fortes laços de amizade. Os seus trabalhos refletem a sua oscilação mental, entre ansiedade e calma. São marcados pelo uso de luz e cores fortes e pela impressão de movimento.

Amargurado e triste depois de uma briga, ansioso, ele decepcionou sua orelha e a levou de presente para Gaby, uma mulher com a qual simpatizara. Logo em seguida, foi internado no hospital psiquiátrico por duas semanas e recebeu o diagnóstico de epilepsia associada a alterações psíquicas intercríticas do tipo esquizóide, em razão de uma lesão irritativa temporo-para-temporal. Um mês depois da sua mutilação, ele pinta um auto-retrato, no qual se nota a falta da orelha. Van Gogh, mesmo em desespero e dor, não parou de pintar, retratando enfermeiros, médicos, pátios do hospital e até mesmas paisagens externas.

### **A arte na vida dos epiléticos**

Segundo Tillich, na arte, realizamos o nosso desejo de reunião com o ser e o sentido em todas as coisas. As obras de arte produzidas por pacientes com epilepsia representam um momento de grande importância na sua luta pela vida, na forma de um “gritar em forma artística”.

Entrevistamos os pacientes do ambulatório de epilepsia da UNIFESP em meio à ABE. A mesma desenvolve um trabalho patrocinado pelo laboratório Abbott do Brasil, permitindo que os pacientes construam obras de artes e elaborem suas angustias e problemas afetivos e emocionais em suas pinturas em telas. Por meio da obra de arte: pintura, música e literatura, os pacientes tentam uma elaboração de suas dificuldades, rompendo preconceitos, ansiedades, angustias e depressões.

Pessoas que tinham e que tem epilepsia podem tornar-se heróis e artistas. Grandes personalidades famosas tiveram crises epiléticas. Foi o caso de Santa Tereza, Martin Lutero, Joana D’Arc. Entre os artistas, além do pintor holandês Van Gogh, já mencionado, podemos citar escritores como Gustave Flaubert, Machado de Assis e Dostoiévski.

Dostoiévski, autor do livro “Os Irmãos Karamazov” e de alguns dos maiores romances de toda a história da literatura mundial, era epilético, com crises frequentes desde o início da juventude. Ele escreveu pouco antes de sua morte: “sim, eu tenho a doença das quedas, a qual não é vergonha para ninguém. E a doença das quedas não impede a vida”. Apresentou pelo menos 400 crises, seguidas de depressão, confusão mental, déficit de memória e fala. No romance O Idiota, descreveu, pela primeira vez, um curto estado de êxtase, melancolia, e profunda culpa. Além disso, envolveu-se em conflitos sociais e políticos, foi preso, teve os seus amores frustrados, sofreu pela morte de dois filhos, caiu no vício do jogo, que lhe trouxe inúmeras dívidas... Diante de todas estas calamidades, foi levado a captar e a estilizar o sofrimento por meio da literatura.

Do mesmo modo, a infância pobre, a epilepsia e a gagueira ajudaram a moldar uma personalidade tímida e fugidia no homem Joaquim Maria, estrategicamente escondida por detrás dos austeros pinceis do escritor Machado de Assis, sinônimo de inteligência e educação. Machado de Assis, que foi presidente da Academia Brasileira de Letras, é considerado o maior escritor da literatura brasileira.

### **A arte como terapia para a epilepsia**

Convivemos com pacientes epiléticos na UNIFESP, desde 1994 e a arte sempre foi uma das técnicas terapêuticas que sugerimos como tratamento para crianças, adolescentes ou adultas. Os pacientes com epilepsia da UNIFESP demonstram a importância da arte em sua vida, em particular no desenvolvimento psicodinâmico em vista do controle emocional. Enfrentando a insegurança profissional, o medo de perder o emprego pelo estigma que a doença ainda provoca, eles sofrem ainda com o preconceito dos familiares, amigos e de si próprio, o que gera dúvidas quanto à própria capacidade intelectual e profissional. Os pacientes relatam que sempre desenharam na infância, participando de concursos e utilizavam esta técnica como terapia ocupacional. Relatam também que passam para as telas todos os seus sentimentos de amor, ódio, alegria, vínculos, depressão, isolamento, angústia, finitude, tristeza e outros desequilíbrios emocionais, que desencadeiam as crises epiléticas.

### **Os significados das obras de arte para os pacientes**

Os pacientes nas entrevistas relatam que, nas primeiras telas, eles se preocupavam apenas com o conhecimento dos objetos, dos mate-

riais: tintas, cores e pinceis, e do espaço físico. As seguintes pinturas já buscam o significado e o significante. Por exemplo, MK pintou um homem com a mão na boca, mostrando em seu quadro como ele está se sentindo durante toda a sua vida: preso, calado, sem poder falar, proibido de comunicar-se, policiado, marginalizado, sofrido na família, na sociedade, até na igreja e diante das autoridades: é na verdade o desconhecimento popular da epilepsia.

Outro paciente responde que sua pintura significa a retrospectiva de sua vida: um caracol, um sapo, uma borboleta, um pombo, um nariz humano. Um cavalo marinho é a resposta de um paciente em homenagem ao hipocampo cerebral.

Uma paciente, L.S.P, responde: a pintura significa uma oportunidade, uma transformação, um novo objetivo, reintegração social, tirocínio, criação, motivação, produção, evolução. Cada cor, cada risco, cada pincelada, cada figura tem uma importância, como idéia, pensamento, lembrança, vontade, sonho, emoção, sentimento, consciente e inconsciente. A arte faz funcionar tudo no nosso organismo: cérebro, corpo, coração e alma. Depois de pintar, saio tranqüila com alegria e paz e continuo me sentindo bem várias horas depois.”

É que, para voltar a Tillich, os pacientes encontraram, ao pintar, o caminho da reunião com a profundidade do ser.

## Referências

- 1 Deutsches Epilepsiemuseum Kiek. [www.epilepsiemuseum.de/spanol/kunst/vorhang.htm](http://www.epilepsiemuseum.de/spanol/kunst/vorhang.htm)
- 2 Maraschin, Jaci. Relações entre Arte e Corpo no Brasil. Em: Correlatio Nº 3.
- 3 Maraschin, Jaci. Espírito & Arte. Em: Correlatio Nº 6.
- 4 Maraschin, Jaci. Na Bienal de Veneza com Paul Tillich. Em: Correlatio Nº 4.
- 5 Piza, Daniel. Dostoievski, o grande perturbador da consciência. No site [www.suigeneris.pro.br.literatura\\_dostpert.htm](http://www.suigeneris.pro.br/literatura_dostpert.htm).
- 6 Yacubian, Elza Márcia Targas e Pinto, Graziela R. S. Costa. Arte, Poder e Epilepsia. 2ª. edição, Editorial Lemos, 2003.

A autora é psicóloga e membro da Associação Paul Tillich do Brasil, doutora em Ciências da Religião pela UMESP e desenvolve trabalho social com epiléticos.